

Freitas | Nobre

O papagaio e as diretas

O presidente da Constituinte, acostumado às aves raras que cruzam com ele em todo o percurso político e, agora, com uma fauna tão rica de espécies que parecem em extinção, certamente não se perturbou quando o "louro" de sua residência passou a gritar, nestes últimos dias, até mesmo sem provocação, o slogan das novas-diretas: quatro anos, quatro anos!!

Os jornalistas pensam que foi um jogo maquiavélico que eles montaram, ensinando como um be-a-bá da Constituinte o estribilho dos quatro anos.

É verdade que os repórteres aproveitaram os fins de semana para desorientar o papagaio de Ulysses, driblando a vigilância de dona Mora, e ensinando coisas inconvenientes ao emplumado animal nordestino, mais feroz na linguagem que o amazônico, quando abre o dicionário das inconveniências, numa postura tão pouco parlamentar (?).

Estranharam os profissionais de imprensa que depois de tantas aulas práticas, horas e horas no plantão da residência multipresidencial, algumas vezes, o louro entremeasse os "quatro anos, quatro anos!!" (tão longos na modulação da voz que até pareciam mais prolongados) com as interjeições: "Tancredo! Tancredo!!"...

É que esta não é uma ave tipicamente amazônica, mas resultado de um cruzamento nordestino, apimentado com a memória que estocara o nome presidencial de Tancredo, com atraso de alguns anos. Provavelmente, tenha vindo da residência de um dos companheiros, hoje governadores do PMDB do Nordeste, onde Ulysses instalava o comando das diretas-já, e a campanha baseada no projeto Dante de Oliveira.

Aliás, o slogan dos quatro anos é o que menos Ulysses Guimarães utiliza, mas é o que ele mais ouve e, certamente, o que mais lhe agrada ouvir, porque cada ano a mais de mandato para Sarney representa uma nova distância a alcançar.

Se os repórteres julgaram que foram eles que ensinaram o papagaio a decorar a frase inconveniente

e irônica, saibam, pelo menos, que ela não é inconveniente, nem irônica para o candidato.

O papagaio, sem dúvida, "está por dentro".

E com sorte não apenas para os jornalistas de plantão, dia e noite, junto à casa de Ulysses, mas até para a ilustre vizinhança do presidente da Constituinte, porque em estórias de papagaio esta não é nada escabrosa.

Há algum tempo, por exemplo, jornais de Paris transcreviam como curiosidade, o anúncio publicado no Brasil por um cidadão carioca, dono de um papagaio que havia sumido de sua residência e pelo qual prometia alta importância em retri-

buição àquele que o encontrasse e devolvesse. O original do anúncio era a advertência cautelosa: "O papagaio é um poço de palavras, mas o proprietário avisa que ele não os aprendeu em casa, mas com o vizinho".

É claro que o ministro Renato Archer, vizinho de Ulysses, e cujas residências se separam por uma cerca de arbustos, não ficaria surpreso se um anúncio viesse a comprometê-lo nessa intriga de aves e repórteres. Mas vale a pena imaginar a ginástica para dar uma explicação plausível

sobre o slogan dos quatro anos ao presidente Sarney, já tão congestionado com tantas estórias mal contadas.

Saibam, mais, os que não conhecem bem dona Mora que ela é uma experimentada colecionadora de pássaros e tem uma predileção especial por aves nordestinas. Na sua residência de São Paulo, à rua Campo Verde, sempre foram numerosas as aves a alegrar o jardim dos fundos da casa.

No itinerário do Nordeste, era sempre comum vê-la ao lado de Ulysses, ele parecendo um nobre in-



glês entre uma população morena e de pequena estatura, nas feiras populares ou nos mercados das capitais visitadas na campanha das diretas.

Os companheiros de percurso iam somando gaiolas e gaiolas com sabiás, canários, arapongas, galos de campina, cardeais, e, afinal, no desembarque em São Paulo, o próprio Ulysses tinha de armá-las umas sobre as outras, com o auxílio de seu assessor Osvaldo Manicardi.

Relembremos que uma das mais rendosas coletas de pássaros do Nordeste foi numa das viagens a Aracaju. Os animais, porém, não se adaptaram ao clima de São Paulo e, segundo nos disse dona Mora, morre-

ram de frio, ou — dizemos nós — de tédio, quando o chefe desencarnou a idéia da presidência para permitir que Tancredo, que soubéra melhor envolver partidários e aliados, lhe tomasse o lugar de candidato.

De qualquer forma, a ave trepadeira, de bico curvo e grosso que tão bem imita a voz humana, atravessou a transição democrática sem trocar as penas verdes e amarelas, mas, por certo, modificada interiormente, apesar de repetir velhos refrões fora de atualidade e de oportunidade, fiel, embora, ao desejo secreto dos patrões com aqueles "quatro anos, quatro anos!!" que os colegas de imprensa pensam ter ensinado nas vigílias dos fins de semana.